

Confluências Culturais

Revista Interdisciplinar

v. 12, n. 2: Diálogos interdisciplinares sobre paisagem cultural – 2023 – ISSN 2316-395X

“As terras do príncipe”: migrações
e paisagens de Joinville (SC) em
Rodowicz-Oswiecimsky e Leo Waibel
(1853–1949)

“The prince’s lands”: migrations and
landscapes of Joinville (SC), Brazil, in
Rodowicz-Oswiecimsky and Leo Waibel
(1853–1949)

“Las tierras del príncipe”: migraciones
y paisajes de Joinville (SC), Brasil, en
Rodowicz-Oswiecimsky y Leo Waibel
(1853–1949)

Alanna Fernandes Duarte¹

Recebido em: 1.º ago. 2022
Aceito para publicação em: 2 out. 2023

Resumo: Este artigo objetiva discutir o processo de ocupação antrópica de migrantes europeus (ou não) e o desenvolvimento da agricultura por meio da análise das obras de Rodowicz-Oswiecimsky (1992), originalmente escrita em 1853, e de Leo Waibel

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), licenciada e bacharelada em História pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). Professora da SATC – Educação, Tecnologia e Inovação.

(1949), as quais apresentam descrições sobre as paisagens da cidade de Joinville, situada no litoral norte de Santa Catarina. O intuito é perceber como tais obras são fontes históricas que possibilitam aprofundar a noção de paisagem e como, com base nelas, podemos discernir algumas particularidades das experiências migratórias e das mudanças ambientais na então Colônia Dona Francisca (atual Joinville, SC), do século XIX até a segunda metade do século XX.

Palavras-chaves: paisagem; migrações; agricultura.

Abstract: This article aimed to discuss the process of human occupation of European migrants (or not) and the development of agriculture through the analysis of the works of Rodowicz-Oswiecimsky (1992), originally written in 1853, and Leo Waibel (1949), which present descriptions of the landscapes of the city of Joinville, located on the north coast of Santa Catarina, Brazil. The aim was to understand how such works are historical sources that make it possible to deepen the notion of landscape and how, based on them, we can discern some particularities of migratory experiences and environmental changes in Colônia Dona Francisca (currently Joinville, SC), from the 19th century until the second half of the 20th century.

Keywords: landscape; migrations; agriculture.

Resumen: Este artículo tuvo como objetivo discutir el proceso de ocupación antrópica de los inmigrantes europeos (o no) y el desarrollo de la agricultura por medio del análisis de los trabajos de Rodowicz-Oswiecimsky (1992), escritos originalmente en 1853, y Leo Waibel (1949), que presentan descripciones de los paisajes de la ciudad de Joinville, ubicada en la costa norte de Santa Catarina, Brasil. El objetivo fue comprender cómo las obras son fuentes históricas que permiten profundizar la noción de paisaje y cómo, con base en ellas, podemos discernir algunas particularidades de las experiencias migratorias y de los cambios ambientales en la entonces Colonia Dona Francisca (actualmente Joinville, SC), desde el siglo XIX hasta la segunda mitad del siglo XX.

Palabras clave: paisaje; migraciones; agricultura.

INTRODUÇÃO

Durante a segunda metade do século XIX, o Império Brasileiro, em diálogo com outros reinos da Europa, incentivou um processo que levou milhares de pessoas a atravessar o Oceano Atlântico em direção ao projeto de ocupação das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Nesse contexto, foi fundada a Colônia Dona Francisca, atual cidade de Joinville, Santa Catarina. Essas terras pertenciam à princesa Francisca, que as recebeu de presente do seu irmão – o imperador Dom Pedro II – como dote de casamento com o príncipe francês François Ferdinand Philippe Louis Marie, também conhecido como “príncipe de Joinville”. Parte dessas terras foram posteriormente negociadas por meio de um contrato assinado com uma empresa particular, a Sociedade Colonizadora de Hamburgo, no ano de 1849. A empresa incentivou um projeto imigratório para essa paisagem com a fundação de uma “colônia estrangeira” no ano de 1851 (Ficker, 2008).

Este trabalho pretende realizar um comparativo entre duas fontes, as obras de Theodor Rodowicz-Oswiecimsky (1992 –, originalmente escrita em 1853) e de Leo Waibel (1949), com o intuito de analisar, nessas publicações, distintas concepções de paisagem, discutindo algumas das principais contribuições geográficas sobre o processo de ocupação antrópica de migrantes europeus (ou não) em Joinville. O primeiro documento refere-se

ao texto *De die Kolonie Sul Brasilien (A Colônia Dona Francisca no sul do Brasil)*, escrito em 1853 por um militar da então Prússia, Theodor Rodowicz-Oswiecimsky. O segundo é uma publicação posterior, realizada quase um século depois, já no contexto de expansão como cidade de Joinville – trata-se de um artigo publicado por Leo Waibel, um dos principais geógrafos alemães da primeira metade do século XX, na Revista Brasileira de Geografia no ano de 1949.

Por intermédio do comparativo entre essas duas fontes, podem-se analisar maneiras de identificar e descrever o meio ambiente e o desenvolvimento de iniciativas agrícolas nessas paisagens. Além disso, por meio da escrita desses autores, é possível reconhecer algumas de suas relações pessoais associadas aos propósitos da migração de europeus na paisagem de Joinville, Santa Catarina.

MIGRAÇÕES NAS TERRAS DE JOINVILLE

Os estudos que envolvem as relações da paisagem com as migrações humanas são complexos, pois referem-se a noções polissêmicas, que estão presentes em diferentes áreas de conhecimento, como a Geografia, as Artes, a História, entre outras. Abordagens sobre paisagens no Brasil também são muitas vezes relacionadas ao crescente processo de análise e difusão de conhecimentos históricos e geográficos por meio de fontes escritas e iconográficas que descreveram alguns dos processos de colonização e da invasão europeia em outros continentes, principalmente a partir do século XVI até meados do século XX.

O termo "migrante", reconhecido tanto no Brasil como na Europa, é associado aos deslocamentos humanos de um lugar para o outro, mas também é retratado mediante inúmeras formas e intencionalidades. Podemos reconhecer muitas descrições de e/ou sobre migrantes entre continentes por intermédio da pintura, da música, da literatura, de mapas, de documentos oficiais, entre outros. Essas percepções configuram-se como "paisagem cultural", já que as paisagens podem ser sempre uma interpretação cultural que parte do entendimento das experiências humanas individuais ou de distintos grupos étnicos (Cosgrove, 2004).

Em diversas fontes, sejam elas escritas ou iconográficas, é possível encontrar apontamentos a respeito de mudanças ambientais e agrárias, registros que indicam delimitações geográficas sobre paisagens. Essas descrições abrangem discursos associados a diversos projetos de ocupação antrópica, assim como podem refletir acerca de deslocamentos de humanos, ou mesmo de outras espécies (da flora e/ou da fauna), entre continentes. Nessas fontes também se encontram detalhamentos quanto a semelhanças e diferenças entre as percepções de meio ambiente, como na África e na Europa. Do mesmo modo, no Brasil há diferentes estudos comparativos sobre produções escritas de viajantes e/ou migrantes que são relacionadas às experiências migratórias individuais dos autores com os diversos biomas que atualmente se configuram como "paisagens brasileiras" (Corrêa, 2013).

Algumas descrições de paisagens feitas por pessoas oriundas de outros continentes que viajaram e/ou migraram para o Brasil também foram sendo assimiladas e incorporadas enquanto "nacionais", embora essas fontes possuam distintas maneiras de identificação do que poderia representar (ou não) a nação. Um exemplo disso é o sul e o sudeste do Brasil, que, embora sempre tenham contido populações indígenas, africanas e seus descendentes, reverberaram diversos discursos sobre essas paisagens, enaltecendo especialmente outras nacionalidades que migraram posteriormente para o Brasil, como o caso de "italianos" e "alemães", ao longo do século XIX (Oliveira, 2019).

Foi a partir da segunda metade do século XIX que “colônias estrangeiras”, como a Colônia Dona Francisca (fundada em 1851), foram criadas, por meio da atuação e do incentivo à ocupação migratória de “alemães” (pois trata-se do contexto de nacionalização de diferentes grupos germânicos na Europa), principalmente com a contratação de empresas privadas europeias, como a Sociedade Colonizadora de Hamburgo. Embora as paisagens conhecidas como “terra do príncipe de Joinville”, também nomeadas Colônia Dona Francisca, não existam mais (atualmente se configuram como outras paisagens da cidade de Joinville)², algumas descrições foram registradas sobre esse período, como em produções historiográficas, narrativas de jornalistas, entre outras fontes de pesquisa. Ainda que não seja possível ter acesso “total” a como eram as paisagens do passado, não significa que essas fontes não sejam importantes, afinal, como atenta Dennis Cosgrove (2004), nenhum pesquisador tem acesso ao “todo” de uma paisagem, mesmo as paisagens contemporâneas. É por meio do questionamento das fontes, no entanto, que os historiadores podem conhecer e analisar o processo de ocupação das cidades, como no caso da então Colônia Dona Francisca, região que hoje corresponde à maior e mais populosa cidade de Santa Catarina: Joinville.

A ocupação das terras de Joinville foi projetada na segunda metade do século XIX, próximo a outras paisagens que já eram habitadas em Santa Catarina. Joinville está situada ao lado oeste de uma das primeiras “freguesias” criadas na então província de Santa Catarina: a freguesia de São Francisco do Sul. Assim, foi articulado o projeto imperial de povoamento do norte catarinense, nas proximidades da Baía da Babitonga, o qual já estava sendo moldado desde as primeiras iniciativas de concessão de sesmarias no Brasil Colônia, por meio da distribuição de terras consideradas “devolutas” que incentivaram a criação de localidades no entorno de São Francisco do Sul (Ficker, 2008). Essa região que compreende a paisagem da baía, antes mesmo da criação de Joinville (no ano de 1851), já se constituía em São Francisco do Sul uma das principais freguesias da Província de Santa Catarina, com a ocupação de nativos, migrantes europeus, migrantes africanos e seus descendentes entre os séculos XVII e XVIII (Silva, 2004).

Figura 1 – Localização da cidade de Joinville (SC)



Fonte: Wikitravel (2023)

Desde os primeiros tempos de fundação de Joinville, podem-se destacar alguns discursos de europeus que escreveram sobre a agricultura e o processo migratório na Colônia Dona Francisca, como o de Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, de Avé-Lallemant,

² A então Colônia Dona Francisca foi emancipada da freguesia de São Francisco do Sul desde o ano de 1866, configurando-se como município de Joinville (SC). Vide em Ficker (2008).

entre outros. Desse modo, também as descrições posteriores, já enquanto cidade de Joinville (no século XX), como as do geógrafo Leo Waibel, podem ser consideradas como importantes registros acerca das paisagens do litoral norte catarinense. Essas fontes registram parte do cotidiano de migrantes na colônia e na paisagem de Joinville, sendo imprescindível para o estudo das relações humanas e das transformações ambientais ocorridas com o processo migratório no sul do Brasil, que abrange desde o século XIX até o início do século XX. Nessa perspectiva, o artigo objetiva analisar as concepções de paisagem com base em duas obras, escritas em períodos distintos, sobre Joinville, pois estas configuram diversas realidades e particularidades de tal paisagem.

A primeira fonte elencada para o artigo é de autoria de um militar da então Prússia, Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, que no ano de 1853 publicou o seu livro *A Colônia Dona Francisca no sul do Brasil*. Já a segunda foi escrita pelo geógrafo Leo Waibel no ano de 1949, no contexto da cidade de Joinville. Desse modo, a pesquisa busca ser comparativa, com o intuito de discutir, por meio da análise dessas duas obras, algumas contribuições geográficas, visando a um maior entendimento sobre a "historicidade das paisagens". Essas fontes referem-se ao processo de ocupação antrópica de migrantes europeus (ou não) em Joinville, no litoral norte de Santa Catarina.

PAISAGENS E MIGRAÇÕES: DESCRIÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE JOINVILLE (SC)

A partir da segunda metade do século XIX, com a instituição da Lei de Terras de 1850, buscou-se um maior incentivo migratório a fim de impulsionar o processo de ocupação antrópica nas paisagens do sul e sudeste do Brasil com a criação de "colônias estrangeiras", como foi o caso de Joinville. Essa cidade, inicialmente projetada como Colônia Dona Francisca, foi criada no ano de 1851 como parte de um projeto imperial e privado entre Brasil, França e Prússia e por meio da contratação da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, que era responsável por fomentar e promover a migração europeia e a modificação do meio ambiente ensejado para as terras da princesa brasileira Francisca e do príncipe francês de Joinville (Ficker, 2008).

Naquele contexto, o litoral norte catarinense foi entendido como uma região que deveria ser vendida e ocupada por migrantes europeus, visando à substituição do trabalho de mão de obra escrava africana, que já fazia parte das atividades agrícolas na paisagem da Província de Santa Catarina. Em *História de Joinville*, Ficker (2008) aponta a importância geográfica estratégica para o processo de formação e desenvolvimento da cidade. No dia "22 de maio de 1850, as canoas, lotadas com pessoas e bagagem, vagavam à frente, atravessando a Baía da Babitonga e a Lagoa do Saguauçu, subindo o Rio Cachoeira, aportando finalmente no Porto Bucarein" (Ficker, 2008, p. 59). Essas canoas faziam parte do processo de reconhecimento das paisagens que foram sendo ocupadas posteriormente com a fundação da Colônia Dona Francisca no ano de 1851, contudo Carlos Ficker (2008) ressalta o trabalho dos imigrantes de forma nostálgica e excludente em relação a outros grupos étnicos que já faziam parte da província, tendo em vista que sempre dá ênfase à "coragem" dos europeus, desde a travessia entre continentes por meio de diversas frotas de embarcações que trouxeram uma grande leva de migrantes à região a partir da segunda metade do século XIX.

Interrogando um pouco mais acerca da historicidade dessas paisagens do sul do Brasil, sabe-se que há diversos lugares do litoral norte catarinense que já estavam sendo

ocupados séculos antes, assim como houve um longo projeto de dizimação dos indígenas e de tentativas para a constituição de freguesias, vilas, entre outras. No que se refere ao processo de ocupação do litoral norte, como a região da Baía da Babitonga, há várias descrições de alguns dos viajantes que conheceram essas paisagens anteriormente à criação da cidade de Joinville (Silva, 2004).

O francês Auguste de Saint-Hilaire, no ano de 1840, já descrevia a geografia da baía e o cotidiano dos habitantes das regiões entre a Ilha de Santa Catarina e a freguesia de São Francisco do Sul, comparando-os com os migrantes europeus. Sobre a agricultura já praticada na freguesia, destacou a mandioca e o arroz, que “[...] cultivavam mais frequentemente, sendo os únicos produtos que eles exportavam” (Saint-Hilaire, 1978, p. 149). Embora nos seus relatos sobre a paisagem ele aponte algumas descrições acerca da agricultura e do cotidiano, o francês descreveu as pessoas que moravam na Freguesia de São Francisco do Sul na condição de “preguiçosas”, viventes da pesca e indispostas às atividades agrícolas. Essa situação não difere de outros registros posteriores, como os dos germânicos Avé-Lallemant e Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, que também descrevem com intolerância alguns dos moradores da Baía da Babitonga, dando preferência aos novos migrantes europeus e à introdução de seus costumes com a fundação da Colônia Dona Francisca.

Theodor Rodowicz-Oswiecimsky publicou o livro *A Colônia Dona Francisca no sul do Brasil* no ano de 1853. Essa obra foi originalmente escrita na língua alemã e traduzida para o português em 1970. O migrante, como representante da Prússia no Brasil, foi um destacado engenheiro do Estado-Maior Prussiano que escreveu a respeito da Colônia Dona Francisca após visitar a região, sete meses depois da fundação dessa “colônia estrangeira”. Com o intuito de contribuir com o projeto imigratório, fez alguns apontamentos sobre possíveis potenciais econômicos, principalmente na agricultura, dando notoriedade aos desafios para o desenvolvimento de empreendimentos agrícolas, com a necessidade de atenção ao processo de estabelecimento do colono nessa paisagem. Para ele, era importante valorizar o trabalho de migrantes europeus e dever-se-ia incentivar a expansão e o “progresso” das propriedades na Colônia Dona Francisca, pois

as terras do Príncipe reuniam todos os requisitos favoráveis: situadas na zona temperada, entre os graus 26 e 27 Sul, onde o clima fazia desnecessária a estocagem de reservas para o inverno, garantia, em qualquer época do ano, mesa farta. [...] Além das terras da costa, ainda havia a tentação, além serras, do planalto até Curitiba e Lages, para milhões de pessoas que poderiam encontrar aí, um futuro promissor (Rodowicz-Oswiecimsky, 1992, p. 13).

Com o projeto de colonização promovido pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo, chegaram inúmeros imigrantes provenientes de diversas regiões da Europa, impulsionando um novo ciclo econômico local em que se alteraram significativamente as intervenções na natureza e o cotidiano sobre essas terras devolutas, em direção à Serra Geral. Além dos registros escritos, Rodowicz-Oswiecimsky também apresentou um conjunto distinto de temáticas iconográficas, desvelando algumas das suas principais preocupações em representar a paisagem da Colônia Dona Francisca na Europa.

Figura 2 – Paisagens de Joinville



Fonte: Rodowicz-Oswiecimsky (1992, p. 2)

A fim de reconhecer as áreas já ocupadas na região, são destacadas nessa imagem da obra de Theodor Rodowicz-Oswiecimsky algumas famílias e propriedades “notáveis” do projeto de colonização (figura 2). Da mesma maneira, fazendo associações com o conjunto de registros iconográficos do livro, o autor registrou algumas espécies para o plantio, assim como aspectos da economia, das condições climáticas, da fauna e flora na paisagem da Colônia Dona Francisca.

O artigo “História ambiental e a paisagem”, de Dora S. Corrêa (2012-2013), contribui para buscar refletir mais acerca das imagens e dos discursos iconográficos sobre paisagem. A autora analisou concepções diferenciadas em obras historiográficas quanto à noção de espaço geográfico como paisagens culturais, alertando para o fato de que não se trata somente de ambiência ou parte do “cenário” de uma análise de determinado contexto histórico, mas deve ser um conceito próprio a ser estudado, pois, mesmo não sendo dada a atenção necessária, a paisagem sempre está presente na escrita dos historiadores. A autora aponta a possibilidade de analisar relações de paisagens do passado por meio de fontes históricas, já que essa natureza foi totalmente modificada; ainda assim, torna-se possível compreender aspectos dessas paisagens, principalmente ao estudá-las por meio de descrições geográficas e/ou outras descrições escritas e iconográficas, as quais são importantes fontes que podem ser entendidas como ferramentas de estudo sobre “paisagens pretéritas” (Corrêa, 2012). Partindo dessas considerações, entende-se que a figura 2, a qual evidencia a colônia, se trata de uma paisagem pretérita que foi constituída principalmente por meio de uma proposta de propaganda imigratória para a ocupação antrópica do que foi se configurando ao longo do tempo como a paisagem de Joinville, atualmente a maior e mais habitada cidade do estado de Santa Catarina.

Na escrita e em diferentes imagens presentes no livro de Theodor Rodowicz-Oswiecimsky (1992), há diversas narrativas sobre formas de reconhecimento de espécies nativas (ou não), como também há descrições que exaltam as transformações dos recursos naturais da Colônia Dona Francisca, com o enaltecimento às áreas ocupadas

pelos migrantes no projeto de “colonização”. Para o prussiano, tanto em pequenas quanto em grandes propriedades, é nas práticas agrícolas que, por meio das atividades de agricultura, “[...] vai o lavrador avançando ano após ano, fazendo derrubadas e sempre aumentando seu pasto e, conseqüentemente, seus animais” (Rodowicz-Oswiecimsky, 1992, p. 72). Com esses discursos, principalmente os escritos, o autor incentivava uma maior exploração do meio ambiente, por exemplo as recorrentes queimadas na floresta para o desenvolvimento de atividades agrícolas e a abertura de caminhos dos migrantes.

Dora S. Corrêa (2012-2013) considera que tanto as descrições de enaltecimentos quanto as ausências – silenciamentos nos discursos históricos e geográficos sobre a natureza e/ou determinados grupos ou paisagens – merecem atenção dos pesquisadores ao lidar com essas diferentes narrativas nas fontes históricas. Nesse viés, pode-se observar na figura 2, como maneiras de representações da paisagem de Joinville por Oswiecimsky, que o autor buscou dar mais destaque para as formas de ocupação antrópica, a arquitetura e as edificações do que para o meio ambiente.

Embora Theodor também apresente outras imagens especificamente voltadas a elementos do meio ambiente em seu trabalho, o autor concentra-se nas descrições sobre o uso dos recursos naturais para a alimentação e o desenvolvimento econômico de subsistência dos migrantes, como a policultura, buscando ilustrar algumas diversidades de espécies, tais quais o mamão, a banana, o café, entre outros. Um outro ponto a considerar na imagem (figura 2) é o destaque dado aos nomes das famílias em cada uma das propriedades, ou seja, ressaltam-se os membros europeus que poderiam ser os mais abastados investidores na paisagem da colônia, como o caso da propriedade do imigrante francês diretor da colônia, Leonce Aubé (primeiro nome identificado na parte inferior da figura 2).

Paulo Oliveira (2019) aborda a relevância de realizar uma análise comparativa entre os distintos grupos migratórios e as narrativas construídas acerca de sua importância histórica para o Brasil. O autor evidencia como foram utilizados discursos sobre um “paraíso” a fim de justificar e incentivar a chegada de europeus ao Brasil, do século XIX até a primeira metade do século XX. Segundo o autor, diferentemente das situações que corroboram as migrações de outros grupos étnicos atualmente no país, sobre o contexto do século XIX houve diversos discursos do projeto imperial que buscavam atrair e impulsionar o desenvolvimento econômico com a imigração de europeus por meio de “companhias colonizadoras” internacionais, que estavam interessadas principalmente nos italianos e germânicos, seguidos de outras nacionalidades.

Theodor Rodowicz-Oswiecimsky publicou seu livro ainda nos primeiros três anos de fundação dessa colônia, com o intuito de registrar o andamento das atividades da Sociedade Colonizadora sobre novos lugares, detalhando alguns dos propósitos de avanço agrícola em direção ao oeste da Colônia Dona Francisca. Entretanto uma parte da sua narrativa não foi dada a elogios às formas de cultivo e desenvolvimento na paisagem. Segundo o autor, era pertinente alertar sobre algumas dificuldades, como o caso de propagandas enganosas da Sociedade Colonizadora que circulavam na Europa visando atrair migrantes para o sul do Brasil. Embora tenha realizado algumas críticas à direção que organizava os “colonos”, Oswiecimsky foi enfático em descrever o processo de adaptação e os trabalhos dos migrantes, o meio ambiente e as vantagens em dar continuidade à migração na Colônia Dona Francisca. Mesmo que, nesse ano de 1853, tenha destacado principalmente algumas das propriedades mais abastadas e nobres que estavam se consolidando nesses primeiros anos de fundação (figura 2), o livro também fez referências à pobreza e às dificuldades de subsistência dos migrantes mais pobres e às suas dívidas com a Sociedade Colonizadora de Hamburgo na compra de suas propriedades e no desenvolvimento agrícola e/ou comercial para a sobrevivência e continuidade dessas famílias na paisagem da colônia.

Segundo o migrante prussiano, as propriedades na Colônia Dona Francisca eram em sua maioria limitadas à extensão da monocultura, embora fossem preferíveis as práticas da policultura. Ele sugeria que os plantios deveriam ser feitos em pequenas áreas após serem desmatadas, mediante a queima e o posterior incentivo às diversas experiências da policultura por meio do trabalho familiar. Desse modo, o autor realizou vários comentários sobre práticas agrícolas e espécies que poderiam ou não ser plantadas, considerando as condições climáticas, bem como técnicas de plantio, imprescindíveis nas relações sobre as atividades dos migrantes europeus no meio ambiente. De acordo com o autor, era pertinente realizar esses registros, já que "a plantação é para a Colônia o assunto mais importante [...]" (Rodowicz-Oswiecimsky, 1992, p. 71).

Entre as perspectivas do que se buscava exaltar como um progresso da imigração, Rodowicz-Oswiecimsky destacou a arquitetura e a agricultura na Colônia Dona Francisca, incentivando os migrantes à construção de casas e de engenhos, fossem movidos à força de animais ou d'água. Alertava que alguns dos rios que perpassavam pelas propriedades dos migrantes, como o Rio Cachoeira, não tinham capacidade nem volume de água suficientes para manter força hidráulica e mover pequenas indústrias. Ressaltou, contudo, que essas eram somente iniciativas de práticas agrícolas e de construções ainda em andamento da recém-criada colônia, que visavam a uma agricultura de subsistência dos "colonos", mas que posteriormente algumas práticas de plantio poderiam ser vistas como meios para exportar seus produtos para outros lugares, como era o caso do arroz, do açúcar e, principalmente, a extração de madeira. Assim, suas narrativas de plantio descrevem a necessidade de transformar a terra em cultivo, estradas, casas e plantação. A noção de desenvolvimento da colônia estava intrinsecamente relacionada à mudança do meio ambiente, entre o migrar e o cultivar nessas paisagens.

Diferentes das descrições de viajantes, migrantes e agricultores e suas experiências agrícolas são os discursos científicos sobre práticas agrícolas (Meira, 2017). Foi somente a partir do século XX que os estudos científicos sobre o desenvolvimento da agricultura no Brasil se consolidaram. Um dos principais autores da chamada Geografia Agrária no início do século XX foi Leo Waibel (Etges, 2000), autor que fez alguns apontamentos sobre paisagens de Joinville, por meio de um artigo intitulado "Princípios da colonização europeia no sul do Brasil", publicado na *Revista Brasileira de Geografia* no ano de 1949.

Segundo Virgínia E. Etges (2000), esse geógrafo alemão possui descrições de paisagens de diferentes continentes. Conforme a autora, Leo Waibel iniciou suas pesquisas na África no ano de 1911, com descrições geográficas relacionadas aos interesses imperialistas de exploração das matérias-primas para obter mais lucros para o "Estado Alemão". Na década de 1920, realizou pesquisas sobre as paisagens de Sierra Madre de Chiapas, no sul do México. Em 1938, atuou como pesquisador e docente nos Estados Unidos, nas Universidades John Hopkins e Wisconsin. No Brasil, foi como membro convidado pelo Conselho Nacional de Geografia (CNG) que Leo Waibel passou a conhecer mais e estudar sobre a agricultura em paisagens brasileiras entre os anos de 1946 e 1950.

Considerando alguns aspectos históricos e geográficos da cidade de Joinville, Leo Waibel, em 1949, quase um século depois de Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, retoma uma explicação sobre a importância da atuação da Sociedade Colonizadora para o desenvolvimento da cidade, afirmando que

a empresa alemã Kolonisationsverein von Hamburg comprou do príncipe de Joinville um largo trato de terra florestal na extremidade interior da baía de São Francisco, na parte setentrional da província de Santa Catarina [...]. A sua sede, Joinville, está situada sobre um mangue e construída, como Veneza,

sobre pilares. Apesar do clima, que não é de modo algum desejável, a colônia logo se tornou próspera, por causa da sua população ativa e sua ligação com o mar. A expansão para o interior era prejudicada pela vizinhança da íngreme escarpa da serra. Não obstante, a colônia começou logo a construir uma estrada subindo o planalto, e aí foi fundada, em 1870 e tantos, uma colônia-filha, São Bento, a uma altitude de cerca de 800 metros. Por esta estrada, bem como por uma via férrea aberta em 1910, Joinville pôde drenar grande parte do tráfego dos planaltos dos estados de Paraná e Santa Catarina (Waibel, 1949, p. 112).

Nas afirmações de Leo Waibel (1949), é interessante notar como Joinville é apontada como uma cidade estratégica que poderia “drenar o tráfego” entre as divisões dos estados de Santa Catarina e Paraná a partir do planalto por meio da Serra Dona Francisca. Ao mesmo tempo, o autor desqualifica as condições climáticas como “de modo algum desejável”. Numa crítica e/ou desvalorização às paisagens dos manguezais da Baía da Babitonga, faz um comparativo com as outras paisagens da Europa, como o caso da constituição próxima ao mar da cidade de Veneza, na Itália.

O geógrafo alemão Leo Waibel também apresenta como uma dificuldade para o crescimento da cidade a sua localização de baixa altitude e próxima aos mangues, enfatizando mais a região norte e oeste, próxima à Serra Dona Francisca. Tal como em outros discursos posteriormente feitos sobre a cidade, o mangue é entendido como empecilho, dificuldade de ocupação da cidade (Coelho, 2010). Em seu artigo publicado no final da década de 1940, Waibel apresentou algumas fotografias em preto e branco de outras “colônias estrangeiras”, também estabelecendo nas legendas um diálogo com as suas descrições sobre a geografia da cidade de Joinville.

Figura 3 – Paisagem de Joinville, SC



Fonte: Waibel (1949, p. 7)

Na legenda da fotografia (figura 3), possivelmente registrada pelo autor, encontra-se a afirmação:

A profundamente dissecada serra cristalina a oeste de Joinville em Santa Catarina. "Terra templada" com mata latifoliada perene inalterada. É esta a paisagem natural na qual foram instaladas as antigas colônias alemãs (Waibel, 1949, p. 7).

Nota-se que, nas descrições sobre a paisagem da serra (Dona Francisca), se enaltece a altitude, já que é o plano com maior parte da "serra do mar" na região. Com isso, o autor distingue o ambiente físico como natural, descrevendo-o como praticamente inalterado. Na mesma legenda, porém, contradiz essa relação ao associar tais paisagens com as "antigas colônias alemãs". Ou seja, as descrições de Waibel estão associadas às concepções geográficas do seu contexto, que relacionava os interesses econômicos às descrições da paisagem. Assim, a Serra Dona Francisca, ao mesmo tempo em que era apresentada como local inóspito, também está articulada como parte de um cenário que é pouco alterado, mas destacado pela sua beleza, que constituiu a formação de Joinville como resultado "das antigas colônias alemãs".

Os historiadores Paulo Oliveira (2019) e Gilmar Arruda (2009) ressaltam como o uso de discursos de migrantes para o reconhecimento e exploração territorial foi fundamental aos interesses econômicos no processo de colonização que perdurou por séculos no Brasil. Em meados do século XX, as descrições da natureza ainda eram associadas com

[...] dezenas de projetos de colonização moderna, destacavam a "fertilidade" do solo, apontando para as gigantescas árvores da Mata Atlântica. Uma vez iniciado o processo de "abertura", a floresta deveria ser eliminada para que o tesouro escondido, a fertilidade do solo, [...] pudesse produzir toda riqueza e progresso esperado, ou desejado (Arruda, 2009, p. 196).

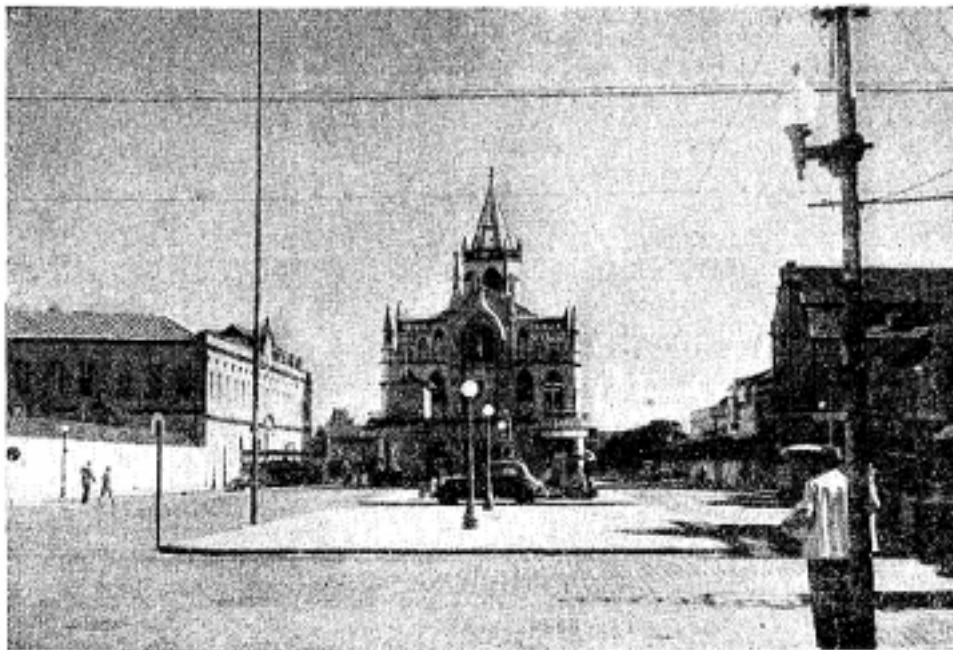
Essas eram temáticas comuns que circulavam na Europa e em outros continentes há séculos sobre o Brasil. Ao mesmo tempo em que se ressaltavam belezas cênicas do meio ambiente, o propósito era alterar a floresta, modificando-a para o investimento econômico e as expectativas das atividades dos migrantes; sustentava-se a noção de "progresso" (Arruda, 2009; Oliveira, 2019). Nessa perspectiva, também as publicações da Geografia e da História, bem como de outros campos do saber, repercutem as discussões que marcaram o século XX sobre a polissemia da noção de paisagem (Ribeiro, 2007).

Num contexto de fortalecimento dos conhecimentos científicos da Geografia, Leo Waibel (1949) apresenta algumas descrições sobre a paisagem de Joinville, associando-a às migrações e à colonização europeia no sul do Brasil como parte do processo de desenvolvimento das cidades e "progresso" no século XX. Um diferencial da abordagem geográfica de Leo Waibel está nos seus apontamentos sobre práticas agrícolas em diferentes lugares do Brasil, elencando algumas paisagens de "colonos" em pequenas propriedades de cultivo como o seu principal foco de análise, pois,

ao contrário dos trabalhos de até então, sobre a agricultura brasileira, Waibel dedicou-se aos estudos da agricultura dos pequenos colonos como um dos primeiros geógrafos. Era uma temática que até então ninguém havia se ocupado cientificamente no Brasil e que não contava com apoio da política agrária. Waibel dedicava especial atenção à expansão das fronteiras da colonização, um fenômeno tradicional no Brasil desde os tempos coloniais e à caracterização das zonas pioneiras existentes no país. Os resultados de seus trabalhos científicos no Brasil foram publicados em diversas publicações abrangentes na renomada Revista Brasileira de Geografia nos anos de 1947 a 1950 (Kohlhepp, 2019, p. 72).

Com ênfase nos estudos da agricultura, as descrições do autor estão em diálogo com o crescimento das discussões de geógrafos sobre o conceito de paisagem cultural. Leo Waibel afirma que há diferentes dimensões nos estudos paisagísticos, associando alguns dos discursos de sua época sobre “paisagem econômica” (*Wirtschaftslandschaft*), “paisagem natural” (*Naturlandschaft*) e “paisagem cultural” (*Kulturlandschaft*) (Etges, 2000). Desse modo, os apontamentos sobre a cidade de Joinville articulam-se na conexão entre três dimensões sobre a paisagem: natureza, economia e cultura. Para o autor, ambas estão interconectadas para uma maior compreensão das paisagens. São as relações de composição e alteração da superfície da terra que nos fazem discernir melhor a ambiência da paisagem.

Figura 4 – Paisagem de São Leopoldo (Rio Grande do Sul)



Fonte: Waibel (1949, p. 10)

Embora a agricultura não seja um aspecto tão destacado sobre Joinville em relação às outras “colônias estrangeiras”, Leo Waibel ressalta a paisagem da cidade como uma das principais colônias europeias, porém sempre destacando os migrantes “alemães” em detrimento de outras nacionalidades. Nas fotografias de Joinville é enfatizada principalmente a Serra Dona Francisca, enquanto em outros registros iconográficos do autor se destacam edificações, como o caso da Colônia de São Leopoldo, fundada em 1824 (figura 4), algumas décadas antes da Colônia Dona Francisca.

Nesse artigo, os apontamentos do geógrafo sobre a colonização abrangem três estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Ao comparar Joinville com outras cidades “alemãs” (ou não) de Santa Catarina, ele dá preferência a Blumenau (SC), também criada como “colônia particular” no mesmo período pelo empresário e migrante Hermann Blumenau. Para Waibel, tanto economicamente quanto pelas condições geográficas, esta seria mais “agradável” que Joinville. Ele considerou que, mesmo com altitudes mais baixas, entre 20 e 50 metros no Vale do Itajaí, em Blumenau o “[...] clima é mais saudável que o de Joinville” (Waibel, 1949, p. 16). O clima, as estradas e a Serra Dona Francisca são destacados na paisagem de Joinville.

No século XIX e até mesmo no início do século XX, a maior parte desses discursos sobre a Geografia e sobre o que se constitui como "paisagem brasileira" ainda estava associada às posturas da "elite moderna" desse contexto. Assim, as descrições de paisagem refletem alguns dos pensamentos predominantes naquele período, como a preocupação com a expansão territorial nacional em detrimento da exploração da natureza. Nos registros do cotidiano de migrantes europeus, podem ser analisadas "anotações sobre as terras, vegetais, minerais por onde passou [...] e, também, diversos comentários sobre os moradores e seus costumes" (Arruda, 2009, p. 196). Diferentemente de outros lugares, essa expansão territorial não incluía as "gentes" como sinônimo de cidadania e modernidade. Foi por meio de narrativas eurocêntricas que algumas paisagens do sul do Brasil ganharam maior notoriedade (Arruda, 2009; Oliveira, 2019).

Algumas dessas relações entre as migrações europeias e o desenvolvimento econômico do Sul e do Sudeste foram evidenciadas por diferentes pesquisadores, como Truzzi e Zanini (2018), que demonstram a pluralidade de grupos migratórios entre os séculos XIX e XX, os quais foram direcionados para os trabalhos agrícolas, principalmente para a cafeicultura no sudeste do país. Segundo Truzzi e Zanini (2018), nesse processo de ocupação e trabalho sempre foram sendo enfatizadas diversas maneiras de afirmar semelhanças e diferenças entre migrantes no Brasil vindos de diferentes continentes, mas predominaram os discursos identitários sobre a atividade de europeus e seus descendentes na paisagem brasileira. No caso dos alemães e/ou italianos, muitas vezes estão associados a um *ethos* do trabalho, como "colonos" na roça, desqualificando e invisibilizando outros grupos, como indígenas, caboclos etc. Por isso, é preciso ter cuidado com afirmações nostálgicas sobre trabalhadores migrantes alemães em Joinville.

Tanto nas descrições de Theodor Rodowicz-Oswiecimsky quanto no texto publicado posteriormente pelo geógrafo Leo Waibel, pode-se perceber como essas narrações dão ênfase aos migrantes europeus germânicos em relação aos demais. São narrativas de paisagens que englobam diversas relações de etnicidade e alteridade em Joinville. Os dois autores possuem outras obras em que podem ser analisadas diversas paisagens no Brasil e no mundo, mas, no recorte de estudo deste artigo sobre a passagem de tais europeus em momentos distintos de formação da cidade de Joinville, é importante levar em consideração que ambos os autores (um prussiano e outro alemão) possuem narrativas que se vinculam e trazem comparativos aos seus próprios sentimentos de pertencimento, oriundos de suas experiências em paisagens germânicas³.

Segundo o historiador Sílvio M. de Souza Correa (2005, p. 232) nos relatos que se referem às migrações italianas e alemãs no Brasil,

[...] trata-se um olhar que, se recorreu ao diferente, em poucos casos logrou um descobrimento do Outro. O olhar dos viajantes alemães deparou-se com o estranho, mas não deixou de buscar o familiar com o fito de retornar para uma Ítaca Germânica. Acabaram encontrando nas colônias do sul do Brasil onde certificaram de si, "encontrando de novo" os sinais de traços de uma etnicidade alemã a ser reinventada.

É por meio da busca de uma abordagem crítica e comparativa sobre as fontes elencadas para este artigo que podemos advertir algumas das intencionalidades desses autores em atribuir nacionalidades e etnicidades às paisagens, notando que ambos dialogavam com os interesses próprios do que se compreendia como "progresso" entre o século XIX até a primeira metade do século XX e, por isso, também enfatizaram os lugares

³ A Prússia é um dos principais estados que articularam o processo de unificação da Alemanha nas últimas décadas do século XIX.

em que estavam e/ou foram sendo constituídas as “colônias estrangeiras”, como a Colônia Dona Francisca, na então Província de Santa Catarina. Nessa perspectiva, nas narrativas de Rodowicz-Oswiecimsky (1992) e de Leo Waibel (1949), os brasileiros e/ou considerados “nativos” aparecem poucas ou menos vezes nas descrições sobre Joinville, como forma de ausência na paisagem ou às vezes relacionados à preguiça. Já os migrantes alemães são destacados como “colonos” e como aqueles que foram os principais impulsionadores do desenvolvimento da Colônia Dona Francisca e, posteriormente, da cidade de Joinville, como se somente esses grupos tivessem a disposição necessária para trabalhar na agricultura e na cidade, pela exploração e transformação do meio ambiente.

Quando se trata de abordar o acesso às fontes traduzidas (principalmente do alemão para o português) sobre contribuições de europeus na Colônia Dona Francisca ou já na cidade de Joinville, é preciso notar que essas fontes não podem ser reproduzidas por meio de citações de forma “ingênua”; os pesquisadores devem analisar as descrições, bem como seus usos posteriores no tempo presente. Conforme Ilanil Coelho (2010), desde as últimas décadas do século XX podemos aferir que há uma retomada de citações sobre fontes de migrantes italianos e alemães, bem como o incentivo à promoção de festividades “típicas” na cidade, associando os bens materiais e/ou imateriais de imigrantes europeus como “patrimônio cultural de Joinville”. Assim, sabe-se que na dinâmica do que preservar (ou não) do patrimônio há diferentes e divergentes interesses e formas de apresentar os migrantes e a cidade (Coelho, 2010).

Tais fontes podem apresentar diferentes paisagens culturais de Joinville. Por meio das obras de Theodor Rodowicz-Oswiecimsky (1992) e de Leo Waibel (1949) é possível analisar distintas narrativas sobre o tema, que descrevem aspectos da natureza e do cotidiano dos migrantes, como diferentes biomas e modos de sociabilidades (individuais ou coletivas) entre grupos étnicos, constituindo não somente conhecimentos geográficos do lugar em que residiam, mas seus hábitos e costumes. Essas representações podem ser também entendidas como maneiras de habitar e de escrever sobre o que se compreendia como desenvolvimento, relacionando a noção de progresso principalmente às atividades agrícolas como formas distintas de construir e constituir maneiras de pertencimento à paisagem.

Por meio das descrições geográficas, podemos estabelecer alguns comparativos, na medida em que temos acesso a outras formas de apresentar o desenvolvimento de práticas agrícolas associado às transformações das paisagens da cidade nos dias de hoje⁴. Embora as descrições de Oswiecimsky (1992) e Waibel (1949) não possam retratar toda a complexidade das alterações das paisagens no contexto histórico de formação daquele período como “Colônia Dona Francisca” ou como “Joinville” no início do século XX, constituem importantes fontes de pesquisa que permitem um maior entendimento do meio ambiente e das considerações sobre o processo de ocupação antrópica na paisagem. Da mesma forma, são de suma importância para o entendimento das migrações como questões globais, já que discorrem sobre os deslocamentos de milhares de pessoas entre continentes e as trocas culturais e/ou ambientais entre povos distintos (europeus ou não) nesse período.

É importante reiterar, contudo, que as descrições elencadas sobre Joinville partem de momentos distintos e de experiências próprias dos autores, sendo um deles

⁴ Um exemplo disso é que até os dias atuais, quando se faz referência às práticas agrícolas de “italianos e alemães”, encontram-se formas de divulgação romantizadas dos lugares para os quais essas pessoas migraram e da arquitetura de tais locais, como no projeto Roteiros Nacionais da Imigração, promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Da mesma maneira, nota-se que Joinville repercute diferentes iniciativas turísticas que ressaltam a divulgação de narrativas de festividades de migrantes, muitas vezes anacrônicas, como parte das contribuições históricas desses grupos para a formação das cidades do sul do Brasil. Ver em Coelho (2010) e Duarte (2017).

migrante no contexto da Prússia do século XIX e outro um geógrafo alemão no sul do Brasil. Ambas as fontes trazem descrições paisagísticas sobre um período em que se intensificaram as políticas de reconhecimento dos recursos naturais no Brasil como meio de exploração dessas paisagens. Assim, é inegável apontar que há diversas relações entre as transformações da natureza e as migrações, como no caso das descrições das paisagens de Joinville que intencionalmente buscaram dar notoriedade sobretudo às formas de intervenção de migrantes europeus no sul do Brasil, já que esse processo influenciou também os modos de construção e circulação de conhecimentos sobre os elementos físicos e geográficos que compõem e/ou foram sendo valorizados (ou não) como "paisagens culturais".

Em um contexto no qual se objetivava uma maior projeção de imagens sobre o processo migratório de europeus, também foram sendo negligenciados (ou poucos reconhecidos) outros grupos étnicos nas paisagens do sul do Brasil. Sabe-se que no final do século XIX e início do XX persistia uma ação acelerada e violenta de dizimação de povos nativos e devastação da natureza no processo de ocupação e colonização europeia na paisagem regional. Contudo, antes de apenas rejeitar esses registros históricos de migrantes europeus, podemos analisar e reconhecer nas duas fontes elencadas neste artigo algumas das possibilidades de estudo sobre percepções de paisagens pretéritas, como a Colônia Dona Francisca. Nesses discursos de europeus e seus descendentes podem-se questionar algumas formas de descrever o processo de ocupação, seja em escala local ou global, bem como contribuir para um conhecimento mais crítico sobre a historicidade e as transformações ambientais por meio das descrições de migrantes nas suas impressões e interesses sobre os modos de divulgação acerca das paisagens de Joinville.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em fontes escritas, geográficas e iconográficas sobre Joinville (antiga Colônia Dona Francisca), buscou-se perceber como há diferentes narrativas que se referem às questões ambientais e migratórias no litoral norte de Santa Catarina, segundo as contribuições geográficas de Theodor Rodowicz-Oswiecimsky e Leo Waibel. Por meio de uma análise das concepções de paisagem desses autores, podem-se discernir algumas particularidades acerca das experiências migratórias e das mudanças ambientais na então Colônia Dona Francisca e seu processo de formação como cidade de Joinville.

Nas descrições de Joinville são evidenciados migrantes europeus por meio de diferentes atividades na paisagem, como as práticas agrícolas e a construção de estradas. Os seus trabalhos são destacados como potencialidades de uma maior exploração dos recursos naturais e como meio de promover maior crescimento econômico, desde o contexto de formação da Colônia Dona Francisca. Com base nas duas fontes destacadas neste artigo, buscou-se analisar alguns discursos sobre paisagens de Joinville, os quais inferem diversas dimensões, como condições climáticas, economia e agricultura, migrações, entre outros aspectos que foram descritos por Theodor Rodowicz-Oswiecimsky (1992) e Leo Waibel (1949). Essas duas fontes históricas trazem importantes contribuições concernentes às paisagens pretéritas com aspectos do cotidiano e da geografia regional. Nota-se, contudo, que muitas vezes tais descrições tendiam ao enobrecimento apenas das atividades dos migrantes europeus, sobretudo os de origem germânica, em detrimento de outros grupos étnicos, na paisagem. Esses autores não refletem exatamente uma realidade "total" ou "imparcial", mas de impressões e experiências próprias dos migrantes na Colônia Dona Francisca e/ou de Joinville.

É importante reiterar que há nas obras distinções temporais, bem como de experiências pessoais dos autores com o processo de formação de Joinville. Theodor Rodowicz-Oswiecimsky foi um migrante prussiano que conheceu somente os primeiros três anos de fundação da Colônia Dona Francisca (atual cidade de Joinville), na então Província de Santa Catarina, publicando registros sobre essa paisagem, no ano de 1853, na condição de um militar representante da Prússia. Desse modo, procurou analisar algumas atividades da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, no Brasil, durante a segunda metade do século XIX. Já o autor Leo Waibel foi um geógrafo alemão do início do século XX que ressaltou a importância de discussões geográficas sobre algumas cidades que eram anteriormente “colônias estrangeiras alemãs”, principalmente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Outro ponto a considerar é a consolidação de conhecimentos científicos da Geografia, que ainda dividia e tratava como dualidade a relação entre seres humanos e a natureza, noção essa que perdurou até a segunda metade do século XX (Cosgrove, 2004; Ribeiro, 2007). Assim, nas particularidades da escrita de ambos os autores distinguidos neste artigo, ressalta-se que suas representações de paisagens foram intencionalmente construídas a fim de evidenciar o “progresso” por meio da atuação das companhias colonizadoras e das migrações europeias no sul do Brasil.

Mediante uma abordagem divergente e comparativa, intencionou-se demonstrar neste trabalho que as duas fontes pesquisadas trazem importantes contribuições históricas e geográficas sobre o desenvolvimento da agricultura no norte de Santa Catarina. Trata-se, porém, de narrativas referentes a paisagens pretéritas que enaltecem principalmente as experiências ou idealizações de determinados grupos de migrantes no meio ambiente, procurando relatar parte do seu cotidiano, suas expectativas e impressões sobre a paisagem que atualmente se configura como cidade de Joinville. Assim, os dois autores, por meio de suas descrições sobre “as terras do príncipe”, mostraram formas distintas de práticas agrícolas e de desenvolvimento, mas, em comum, relacionaram aos europeus as experiências e a expectativa de vida nas paisagens do sul do Brasil. Os migrantes e suas descrições de paisagens pretéritas corroboram outras reflexões sobre as formas de divulgar e reconhecer as paisagens da cidade de Joinville na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Gilmar. “Minha terra tem palmeiras”: paisagem, patrimônio e identidade nacional. In: FUNARI, Pedro P. A.; PELEGRINI, Sandra C. A.; RAMBELI, Gilson (org.). **Patrimônio cultural e ambiental: questões legais e conceituais**. São Paulo: Annablume, 2009.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante (Joinville, 1980-2010)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CORREIA, Dora S. História ambiental e a paisagem. **Revista Halac**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 47-69, set. 2012/fev. 2013.

CORREA, Sílvia M. S. Narrativas sobre o Brasil alemão ou a Alemanha brasileira: etnicidade e alteridade através da literatura de viagem. **Revista Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS**, Porto Alegre, v. 12, p. 227-270, 2005.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

DUARTE, Alanna F. **Entre os roçados da colônia e os arrozais da cidade**: o cultivo do arroz e as transformações na paisagem de Joinville, SC. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2017.

ETGES, Virgínia E. A paisagem agrária na obra de Leo Waibel. **Revista GEOgraphia**, ano 2, n. 4, 2000.

FICKER, Carlos. **História de Joinville**: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca. Joinville: Letradágua, 2008.

KOHLHEPP, Gerd. A contribuição de Leo Waibel para o conhecimento da colonização agrária no Brasil do séc. XX. **Revista Fronteiras**, v. 8, n. 3, p. 69-87, 2019.

LITTLE, Paul E. Espaço, memória e migração: por uma teoria da reterritorialização. **Textos de História**: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB, Brasília, v. 2, n. 4, p. 5-25, 1994.

MEIRA, Roberta B. Semeando ideias: os discursos em prol do ensino agrícola no Brasil do final do Império às primeiras décadas da República. **Educação Unisinos**, v. 21, p. 265-274, 2017.

OLIVEIRA, Paulo R. M. Migrações internacionais para Santa Catarina nos séculos XIX e XXI: um estudo comparativo. **Revista de História Regional**, v. 24, n. 2, p. 282-302, 2019.

RIBEIRO, Rafael W. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/Copedoc, 2007.

RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. **A Colônia Dona Francisca no sul do Brasil**. Joinville: FCC, 1992.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Santa Catarina (1779-1853)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

SILVA, Denize A. **"Plantadores de raiz"**: escravidão e compadrio nas freguesias de Nossa Senhora da Graça de São Francisco do Sul e de São Francisco Xavier de Joinville (1845-1888). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

TRUZZI, Oswaldo; ZANINI, Maria C. Italianidade nos interiores paulista e gaúcho: uma perspectiva comparada. In: ELMIR, Cláudio Pereira; WITT, Marcos Antônio; TRUZZI, Oswaldo. **Imigração nas Américas**: estudos de história comparada. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2018. p. 123-160.

WAIBEL, Leo. Princípios da colonização europeia no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, ano XI, v. 2, abr./jun. 1949.

WIKITRAVEL. **Map of Joinville, Santa Catarina, Brazil**. Disponível em: https://wikitravel.org/upload/shared/a/a7/Map_of_Joinville%2C_Santa_Catarina%2C_Brazil.png. Acesso em: 13 nov. 2023.